

CARACTERIZAÇÃO DO *BULLYING* EM ESTUDANTES QUE GAGUEJAM

Leila Nagib; Renata Mousinho; Gil Fernando da Costa Mendes de Salles

RESUMO – Objetivo: Descrever o *bullying* em pacientes/estudantes com gagueira, suas variáveis sociodemográficas, relações familiares, caracterização e sentimentos da violência na escola e características por local, praticantes e alvo. **Método:** Foram analisados 23 participantes, com idades de 10 a 17 anos, de ambos os sexos, com diagnóstico de gagueira acompanhados pelo Ambulatório especializado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foram excluídos pacientes com alterações de comportamento ou transtornos de compreensão e cognição, ou sem frequência regular aos atendimentos. **Resultados:** Cerca de 40% dos pacientes afirmaram serem bem tratados por colegas; 34,8% relataram se sentirem rejeitados; 29,16% sofrem na escola. Mais de 80% têm bom relacionamento com os pais e mais de 70% residem com eles. 34,8% foram reprovados. 13% dos estudantes presenciaram agressão no lar, e 8,7% presenciaram colegas com estilete na escola e 4,3% com arma de fogo. 40% sofreram ameaça de violência física fora da sala; quase 80% se vingaram dos agressores. 78,3% estão descrentes com resolução da violência. Pouco mais de 1/4 se revelou vítima de *bullying*; 1/5 refere não ter qualquer amigo especial e 13% sentem-se bem com 2 ou 3, enquanto 4,3% não têm amigos. 13% sofreram agressão verbal na escola e 4,3% física, enquanto quase 9% ambas. Quase 80% negam

Leila Nagib – Professora Auxiliar do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especialista em Linguística Aplicada UFRJ e em Tecnologia em Educação e Saúde NUTES-UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Renata Mousinho – Professora Associada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre e Doutora em Linguística da UFRJ; Pós-Doutora em Psicologia pela UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Gil Fernando da Costa Mendes de Salles – Professor Titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Médico do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ; Mestre e Doutor em Clínica Médica da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Correspondência

Leila Coelho Nagib

Rua Muiaçuca, 94 – Ilha do Governador – Rio de Janeiro, RJ, Brasil – CEP 21921-680.

E-mail: leilanagib.ufrj@gmail.com

provocar, entretanto 1/4 provocam. **Conclusões:** Os resultados voltam-se ao desenvolvimento de estratégias defensivas aos ataques, motivando a autoestima e sentimento de igualdade aos demais.

UNITERMOS: *Bullying*. Adolescente. Gagueira. Instituições acadêmicas.

INTRODUÇÃO

Bullying é um termo do inglês de difícil tradução para a língua portuguesa. Ele pode englobar todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que acontecem sem motivação aparente, realizadas por um ou mais sujeitos contra outro(s) e executadas com a desigualdade de poder, causando sofrimento^{1,2}. Assim, atos repetidos entre iguais e o desequilíbrio de poder são essenciais em relação à fluência para tornarem possível a intimidação da vítima e conceituar o *bullying*.

Ao se importar o termo *bullying* da língua inglesa para traduzi-lo no Brasil, corre-se o risco de associá-lo às demais áreas em que se estuda a violência no país, vulgarizando-o, entendendo-o como rotineiro e banalizando pesquisas relevantes. Por isso a proposta de aplicação do termo em inglês, a fim de delimitar melhor o conceito que deseja exprimir³.

O *bullying*, que pode ser verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual e virtual⁴, constitui-se de comportamentos agressivos, diretos ou indiretos, resultando em isolamento social e exclusão de um determinado grupo e de modo intencional. Da prática direta, sabe-se que ocorre por meio de agressões físicas, e da forma indireta, acontece por meio das agressões verbais. Contudo, quaisquer das ações devem estar associadas necessariamente ao comportamento agressivo e intenção de dano, além de ser ato repetido durante um tempo ou muito tempo para caracterizar a prática de *bullying*. Além disso, deve também estar presente o desequilíbrio de forças entre o agressor e o provocado⁵.

A escola é considerada um local em que o *bullying* ocorre com muita frequência. Um estudante é considerado como vítima de *bullying* quando é exposto, repetidamente e durante um

tempo prolongado, a ações negativas de um ou mais estudantes. A prática é caracterizada pela repetitividade de ação e pela assimetria de forças. Apesar de todos os alunos serem suscetíveis ao assédio moral, o aluno com dificuldades é mais suscetível⁵⁻⁸.

Há exemplos na literatura de comportamentos de *bullying* descritos quando os grupos minoritários são mais propensos ou vulneráveis à intimidação⁹. Assim, desses grupos considerados de maior vulnerabilidade à incidência do *bullying*, estão os de crianças e adolescentes com transtornos de linguagem¹⁰. Crianças que apresentam comprometimentos de linguagem na infância tendem a ter mais problemas comportamentais e, também, comprometimentos sociais, podendo ser alvo de *bullying* ou ser socialmente excluídas¹¹.

Estudantes com gagueira costumam ser alvo comum de *bullying*. A gagueira é um transtorno de fluência de início na infância, que se traduz por desordem na fluência e no padrão temporal da fala. Caracteriza-se por sinais frequentes de repetição de sons ou sílabas, prolongamentos consonantais e/ou vocálicos, interrupções de palavras, bloqueios audíveis ou silenciosos, repetição de palavras monossilábicas, circunlocações e tensão mental e/ou física excessiva ao se pronunciar uma palavra, assim como longas pausas¹².

Adolescentes que gaguejam sofrem impacto até a idade adulta, tanto no aspecto físico, emocional e da personalidade¹³. Considera-se que o *bullying* promova efeito cascata sobre a gagueira, o que pode agravá-la em todos os níveis, inclusive no das emoções negativas e ser impedimento dos avanços terapêuticos. Em pesquisa que comparou dois grupos, um com gagueira e outro sem, com fins de investigar a autoestima, orientação para a vida, satisfação com a própria

vida, e intimidação, por meio de auto-relato, a vitimização foi mais de quatro vezes maior do que no grupo controle. Significativos, também, foram os achados de baixa autoestima e pouco otimismo muito superiores aos dos colegas que não gaguejam¹⁴.

Tendo em vista a escassez de literatura nacional sobre o assunto, bem como a existência de raras pesquisas e poucos dados sobre a relação entre *bullying* e os Transtornos da Fluência, este estudo mostra-se relevante, na medida em que se propõe a conhecer como tais fenômenos se dão na cultura brasileira, em busca de possíveis caminhos para amenizar as más consequências.

Este artigo tem por objetivo descrever o *bullying* em pacientes com gagueira e suas variáveis, a saber, a descrição sociodemográfica dos estudantes avaliados, as relações familiares, a caracterização da violência na escola, dos sentimentos em relação à violência na escola, e as características do *bullying* por local, praticantes e alvo.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Neurologia Deolindo Couto/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (parecer 829.710/2014), de acordo com as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os responsáveis pelos participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido concordando com as normas do estudo.

População de estudo

Participaram deste estudo 23 pacientes com gagueira e com idades entre 10 e 17 anos, de ambos os sexos. As crianças e adolescentes foram incluídos nesta amostra por estarem dentro da faixa etária, terem sido diagnosticados com gagueira pelo Ambulatório especializado na área da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e continuarem frequentando-o na época da coleta de dados. Todos eram atendidos uma vez por semana há pelo menos três meses, em aten-

dimento individual ou de grupo e a família era orientada mensalmente. Foram excluídos deste estudo pacientes com alterações significativas de comportamento ou pacientes com transtornos de compreensão e cognição e que não tivessem frequência regular aos atendimentos.

Instrumento de coleta de dados

O instrumento selecionado, disposto na íntegra logo após o presente parágrafo, é a versão em português brasileiro¹⁵ do questionário que se origina do "Modelo TMR (*Training and Mobility of Researchers*)", criado como uma ferramenta a partir do questionário original de Olweus⁶, adaptado para pesquisa sobre *bullying* em ambiente escolar¹⁶. O instrumento é composto por 40 questões fechadas, com várias opções de resposta cada uma (múltipla escolha), em função do tipo de pergunta. Para este estudo todas foram selecionadas. Elas envolvem o *bullying* e as variáveis como a descrição sociodemográfica dos estudantes avaliados, as relações familiares, a caracterização da violência na escola, dos sentimentos em relação a violência na escola, e as características do *bullying* por local, praticantes e alvo (Quadro 1).

Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada por uma equipe de fonoaudiólogos previamente treinada pela autora principal. Os questionários foram aplicados individualmente, no ambiente do Ambulatório de Fluência, em salas fechadas, com horários agendados. A leitura foi realizada pelo profissional que aplicava, a fim de que esta variável não interferisse nos resultados.

Com base nos dados obtidos por meio de questionários, foi efetuada uma análise descritiva das características sociodemográficas e de manifestações do *bullying* na população de estudo, por meio de distribuição de frequências para as variáveis categóricas e de tendência central e dispersão para as variáveis contínuas. O programa estatístico utilizado foi SPSS versão 2.1.

Quadro 1 – Instrumento de coleta de dados empregado na avaliação.	
1. Sexo	10. Como você se sente em casa?
a) Masculino	a) Sinto-me muito bem com minha família
b) Feminino	b) Normal, nem bem, nem mal
2. Renda Familiar	c) Não estou à vontade
a) até 1 salário mínimo	d) Tratam-me mal
b) de 1 a 2 salários mínimos	11. Você presenciou já algum tipo de violência ou agressão?
c) de 2 a 3 salários mínimos	a) No seu bairro
d) acima de 3 salários mínimos	b) Na sua casa
3. Idade	c) Na sua escola
a) 10 anos	d) Não presenciei
b) 11 anos	12. Algum membro da sua família usa drogas?
c) 12 anos	a) Álcool
d) 13 anos	b) Maconha
e) 14 anos	c) Cocaína
f) 15 anos	d) Não usa
g) 16 anos	13. Você já sofreu alguma agressão dentro da escola por parte de colegas?
h) 17 anos	a) Verbal
4. Série ou ciclo	b) Física
a) 6º ano	c) Física e verbal
b) 7º ano	d) Sexual
c) 8º ano	e) Não sofreu
d) 9º ano	14. Qual o motivo que levou a essas agressões?
5. Em geral, quais são suas notas na escola?	a) Esconder ou roubar algum objeto de seu uso
a) 0 a 5	b) Apelidos de mau gosto
b) 6 a 7	c) Brincadeiras de bater, esmurrar, chutar ou empurrar o colega
c) 7 a 8	d) Palavrões ou xingamentos contra você ou alguém da família
d) 9 a 10	e) Não vi
6. Você é repete?	15. Você já usou algum tipo de material que poderia ferir durante a agressão ao colega?
a) Sim	a) Estilete
b) Não	b) Arma de fogo
7. Com quem você mora?	c) Faca
a) Pai e mãe	d) Pau
b) Pai	e) Não usei
c) Mãe	16. Você usa algum tipo de droga na escola?
d) Outros familiares	a) Álcool
8. Seus pais são separados?	b) Maconha
a) Sim	c) Cocaína
b) Não	d) Não uso
9. Como é sua relação com seus pais ou familiares?	
a) Muito boa, eles conversam comigo	
b) Discutimos frequentemente	
c) Eles não se importam comigo e não conversam	
d) Me batem, botam-me de castigo frequentemente	
e) Eles me dão tudo que quero	

continua...

...Continuação	
Quadro 1 – Instrumento de coleta de dados empregado na avaliação.	
17. Na sua sala de aula, você já ouviu alguém dizer “Vou te pegar lá fora”?	26. Como você se sente com seus colegas?
a) Sim	a) Sinto-me bem e tenho muitos amigos(as) íntimos
b) Não	b) Sinto-me bem com todos, porém nenhum em especial
18. Você acredita que as práticas de violências dentro da escola têm solução?	c) Sinto-me bem com dois ou três amigos
a) Sim	d) Quase não tenho amigos
b) Não	27. Em geral, como você é tratado por seus colegas?
19. Você já se vingou de quem te agrediu?	a) Muito bem
a) Sim	b) Normal. Bem
b) Não	c) Regular. Nem bem, nem mal.
20. Você acha que o aluno que agrediu o colega deve ser punido?	d) Mal
a) Repreensão	28. Você se sente rejeitado, excluído ou não aceito por seus colegas de classe?
b) Suspensão	a) Às vezes
c) Expulsão	b) Mais de quatro vezes por semana
d) Não acho.	c) Quase todos os dias
21. Você já viu algum aluno entrar na escola com algum tipo de arma?	d) Nunca
a) Pau	29. Você sente que algum ou alguns colegas abusam, tratam mal ou ameaçam você?
b) Estilete	a) Uma vez
c) Arma de fogo	b) Mais de quatro vezes ao mês
d) Faca	c) Quase todos os dias
22. Se você fosse diretor da escola, o que faria para evitar a violência na sua escola?	d) Não me provocam, nem ignoram, nem me maltratam
a) Câmeras, vigilância, revista de alunos e palestras	30. Quem te provoca?
b) Suspensão e expulsão	a) Um menino e uns meninos
c) Programas educativos e palestras	b) Uma menina e umas meninas
d) Área de lazer, esporte e atividades culturais	c) Menina e menino
e) Conversa com os alunos e a família	d) Não me provocam
23. Como você se sente no ambiente escolar?	31. Como eles (as) te provocam?
a) Muito bem	a) Colocam-me apelidos, falam mal de mim
b) Normal, bem	b) Riem de mim, insultam-me, colocam-me culpa em tudo que acontece
c) Às vezes não me sinto bem	c) Atacam-me fisicamente
d) Muito mal, não gosto	d) Não me deixam participar com eles, desprezam-me
24. Você já sentiu medo de ir à escola?	e) Me ameaçam, me chantageam, pegam minhas coisas, obrigam-me a fazer coisas que não quero.
a) Algumas vezes	32. Onde fica quem te provoca?
b) Mais de três ou quatro vezes nas últimas semanas	a) Em minha sala
c) Quase todos os dias	b) Não está em minha sala, mas em minha série
d) Nunca senti medo de ir à escola	c) Em outra série diferente da minha
25. Qual a causa principal do seu medo?	d) Não me provocam
a) Algum professor/a	33. Em que lugar da escola eles te provocam?
b) Não saber fazer os deveres de classe	a) Na sala de aula
c) De um ou vários colegas	b) No pátio
d) Outros medos	c) No banheiro
e) Não sinto medo	d) Em qualquer lugar
	e) Não me provocam

continua...

...Continuação	
Quadro 1 – Instrumento de coleta de dados empregado na avaliação.	
34. Você fala desses problemas com alguém e conta o que te acontece?	b) Para passar o tempo
a) Com meus professores	c) Porque fazem o mesmo comigo
b) Com um ou alguns amigos (as)	d) Não provoco ninguém
c) Com minha família	38. Como você se sente quando intimidada a um colega?
d) Não me provocam	a) Sinto-me bem comigo mesmo(a)
35. Alguém intervém para te ajudar quando isso ocorre?	b) Sinto-me admirado por meus colegas
a) Algum colega	c) Sinto que sou mais forte que ele(a)
b) Algum professor	d) Sinto que sou melhor que ele(a)
c) Pai, mãe ou outro familiar	e) Não provoco ninguém
d) Ninguém intervém	39. O que você faz quando alguém provoca um colega?
e) Não me provocam	a) Meto-me para apartar a situação
36. E você, provoca ou trata mal a algum colega?	b) Informo a família, professor, diretor
a) De vez em quando	c) Não faço nada, ainda que possa, não é problema meu
b) Mais de quatro vezes, desde que começou o curso.	d) Meto-me também
c) Quase todos os dias	40. Desde que começou o curso, você se uniu a algum grupo ou a outro colega para provocar alguém?
d) Não provoco ninguém	a) Uma ou duas vezes
37. Se você intimidada ou maltrata algum colega, por quê o faz?	b) Algumas vezes
a) Porque é mais fraco e diferente de mim	c) Quase todos os dias
	d) Nunca provoquei ninguém.

RESULTADOS

Foram avaliados 23 adolescentes com gagueira. No que diz respeito à pergunta 28 do questionário: "Você se sente rejeitado, excluído ou não aceito por seus colegas de classe?", quase 35% afirmaram terem se sentido rejeitado às vezes e 65,2% relataram nunca terem se sentido rejeitado.

Em relação à questão de número 13: "Você já sofreu alguma agressão dentro da escola por parte de colegas?", os resultados foram: 13% para a opção agressão verbal, 4,3% para a física, 8,7% para ambas e 73,9% para a negativa de ter sofrido agressão dentro da escola. Assim, 26% dos estudantes que gaguejam passam por algum tipo de sofrimento no ambiente escolar.

Os demais resultados serão expostos em quatro tabelas, divididas por categorias, para melhor compreensão. A Tabela 1 sumariza aspectos sociodemográficos da população do estudo.

A Tabela 2 expõe os resultados dos adolescentes com gagueira nas relações familiares e redondezas, considerando distribuição por cada opção de resposta.

A Tabela 3 busca caracterizar a violência na escola, considerando uso de armas, drogas, possíveis ameaças, vinganças e punições.

Tal qual expõe a Tabela 4, mais da metade dos estudantes referiram sentirem-se muito bem na escola, mas parte referiu medo de ir à escola.

Observa-se que as provocações são sofridas na sala de aula e os alunos conversam sobre o assunto com amigos. Outra particularidade é que a intervenção a favor da vítima é feita, em sua maioria, por um colega. A Tabela 5 expõe esses e outros dados que buscam caracterizar o *bullying*.

DISCUSSÃO

Esta seção visa discutir os resultados à luz dos trabalhos nacionais e internacionais sobre

	Categoria	N (%)	(%)
Sexo	Masculino	21	91,3
	Feminino	2	8,7
Renda familiar (salário mínimo)	Até 1	2	8,7
	De 1 a 2	4	17,4
	De 2 a 3	9	39,1
	Acima 3	8	34,8
Com quem mora	Pai e mãe	17	73,9
	Pai	2	8,7
	Mãe	3	13,0
	Outros familiares	1	4,3
Pais separados	Não	16	69,6
	Sim	7	30,4
Repetência escolar	Não	15	65,2
	Sim	8	34,8

Variável	Categoria	N (%)
Como é sua relação com seus pais ou familiares?	Muito boa, eles conversam comigo	19 (82,6)
	Discutimos frequentemente	1 (4,3)
	Me batem, fico de castigo frequentemente	1 (4,3)
	Eles me dão tudo que quero	2 (8,7)
Como você se sente em casa?	Sinto-me muito bem com minha família	15 (65,2)
	Normal, nem bem, nem mal	8 (34,8)
Você presenciou já algum tipo de violência ou agressão?	No seu bairro	3 (13,0)
	Na sua casa	3 (13,0)
	Na sua escola	8 (34,8)
	Não	9 (39,1)
Algum membro da sua família usa drogas?	Álcool	7 (30,4)
	Não	16 (69,6)

gagueira, sobre *bullying*, bem como a relação entre ambos.

Descrição sociodemográfica dos estudantes avaliados

No referido programa, os familiares participam de reuniões mensais com a coordenação e trimestrais com os estagiários que atendem

diretamente aos seus filhos. O alto percentual encontrado (mais de 80%) diz respeito ao bom relacionamento com os pais e, pode, também, relacionar-se com os esclarecimentos sobre fluência, disfluência, gagueira, comportamento, *bullying*, dentre outros, que vêm à luz nos encontros com as famílias. A terapia fonoaudiológica não traz, isoladamente, atenção amorosa

Tabela 3 – Caracterização da violência na escola.

Variável	Categoria	N (%)
Você já viu algum aluno entrar na escola com algum tipo de arma?	Estilete	2 (8,7)
	Arma de fogo	1 (4,3)
	Não	20 (87,0)
Se você fosse diretor da escola, o que faria para evitar a violência na sua escola?	Câmeras, vigilância, revista, ronda escolar	8 (34,8)
	Suspensão e expulsão	2 (8,7)
	Programas educativos e palestras	3 (13,0)
	Área de lazer, esporte e atividades culturais	3 (13,0)
	Conversa com o aluno e a família	7 (30,5)
Você já usou algum tipo material que poderia ferir durante a agressão ao colega?	Não	23 (100,0)
Você usa algum tipo de droga na escola?	Não	23 (100,0)
Na sua sala de aula você já ouviu alguém dizer “Vou te pegar lá fora”?	Sim	9 (39,1)
	Não	14 (60,9)
Você acredita que as práticas de violências dentro da escola têm solução?	Sim	5 (21,7)
	Não	18 (78,3)
Você já se vingou de quem te agrediu?	Sim	18 (78,3)
	Não	5 (21,7)
Você acha que o aluno que agrediu o colega deve ser punido?	Repreensão	4 (17,4)
	Suspensão	12 (52,2)
	Expulsão	4 (17,4)
	Não	3 (13,0)

que familiares necessitam ter com crianças e adolescentes que gaguejam, mas é por meio da ciência que as informações são acrescidas ao trabalho e a compreensão, ao dia-a-dia das famílias atendidas.

Os dados de pesquisas anteriores são unânimes em relação ao fator sexo e gagueira: o masculino, quando comparado ao feminino, possui maior probabilidade de apresentar gagueira¹⁷ e varia em até 5:1 em adolescentes e adultos, resultados que sugerem nas mulheres haver uma tendência à voluntária recuperação da fluência, talvez pelo acesso e uso à linguagem com maior facilidade, maturação cerebral mais ágil, exigências sociais relacionadas à fala menos acirradas^{18,19}. A gagueira é considerada um transtorno multifatorial poligênico, ou seja, determinado por mais de um gene atuando em conjunto de fatores ambientais¹⁷ e com limiar diferenciado para o sexo. Três hipóteses foram

levantadas para explicar o porquê das mulheres serem menos afetadas pela disfluência: (1) ligação da gagueira com o cromossomo X; (2) mulheres necessitariam de um maior número de genes para gagueira; (3) as mulheres demonstram menor sofrimento que pode estar ligado a menor pressão social²⁰.

Pediu-se, igualmente aos jovens, que respondessem sobre a renda familiar, com o intuito de verificar se havia alguma correlação entre classe social e intimidação, já que trabalhos revelam que vítimas de intimidação tendem a ter um baixo nível socioeconômico, bem como um baixo *status* na escola²¹. A maioria da amostra tem renda familiar que corresponde a 2 até 3 salários mínimos. Apesar de o Ambulatório de Fluência atender à população do Sistema Único de Saúde, foi alto o índice encontrado nesta faixa salarial do questionário, provavelmente por esta população ter mais acesso à informação.

Tabela 4 – Caracterização dos sentimentos frente à violência na escola.		
Variável	Categoria	N (%)
Como você se sente no ambiente escolar?	Muito bem	12 (52,2)
	Normal, bem	9 (39,1)
	Às vezes não me sinto bem	2 (8,7)
Você já sentiu medo de ir a escola?	Algumas vezes	6 (26,1)
	Nunca	17 (63,9)
Qual a causa principal do seu medo?	A algum professor(a)	1 (4,3)
	A não saber fazer os deveres de classe	2 (8,7)
	A um ou vários colegas	2 (8,7)
	Outros	2 (8,7)
	Não sinto medo	16 (69,6)
Como você se sente com seus colegas?	Sinto-me bem e tenho muitos amigos íntimos	14 (60,9)
	Sinto-me bem com todos, porém nenhum em especial	5 (21,7)
	Sinto-me bem com dois ou três amigos	3 (13,0)
	Quase não tenho amigos	1 (4,3)
Em geral, como você é tratado por seus colegas?	Muito bem	10 (43,5)
	Normal. Bem	11 (47,8)
	Regular. Nem bem, nem mal	2 (8,7)
Você sente que algum(s) colega (s) abusam, tratam mal ou ameaçam você?	Uma vez	6 (26,1)
	Não me provocam, nem me ignoram, nem me maltratam	17 (73,9)
Quem te provoca?	Um menino e uns meninos	4 (17,4)
	Uma menina e umas meninas	1 (4,3)
	Menina e menino	1 (4,3)
	Não me provocam	17 (73,9)
Qual o motivo que levou a essas agressões?	Esconder ou roubar algum objeto de seu uso	1 (4,3)
	Apelidos de mau gosto	3 (13,0)
	Brincadeiras de bater, esmurrar, chutar ou empurrar o colega	1 (4,3)
	Palavrões ou xingamentos contra você ou alguém da família	2 (8,7)
	Não sofreu agressões	16 (69,6)

Em relação a morar com a família, mais de 70% residem com o pai e a mãe e provavelmente reflete a escolha quanto à faixa etária dos pacientes (10 a 17 anos), ainda dependente dos pais e morando com eles. Sendo que essa mesma faixa percentual indicou pais morando juntos. Ao analisar o índice de pais separados na população

da amostra, foram observados valores discrepantes. Entre 2000 e 2010, os casados passaram de 54,8% para 55,4% e os divorciados e separados judicialmente foram de 4,6% para 5%²².

De acordo com o Relatório de Monitoramento da Educação para Todos²³, o índice de reprovação no Ensino Fundamental no Brasil é de

Tabela 5 – Caracterização do bullying, por local, praticantes e alvos.		
Variável	Categoria	N (%)
Onde fica quem te provoca?	Em minha sala	6 (26,1)
	Em outra série diferente da minha	1 (4,3)
	Não me provocam	16 (69,6)
Em que lugar da escola eles te provocam?	Na sala de aula	3 (13,0)
	No pátio	1 (4,3)
	Em qualquer lugar	3 (13,0)
	Não me provocam	16 (69,6)
Você fala desses problemas com alguém e conta o que te acontece?	Com meus professores	2 (8,7)
	Com um ou alguns amigos(as)	3 (13,0)
	Com minha família	2 (8,7)
	Não me provocam	16 (69,6)
Alguém intervém para te ajudar quando isso ocorre?	Alguém colega	6 (21,6)
	Com pai, mãe ou outro familiar	1 (4,3)
	Ninguém intervém	1 (4,3)
	Não me provocam	15 (65,2)
E você, provoca ou trata mal a algum colega?	De vez em quando	5 (21,7)
	Mais de 4 vezes, desde que começou o curso.	1 (4,3)
	Quase todos os dias	1 (4,3)
	Não provooco ninguém	16 (69,6)
Se você intimida ou maltrata algum colega, por que o faz?	Porque é mais fraco e diferente de mim	1 (4,3)
	Porque fazem o mesmo comigo	4 (17,4)
	Não provooco ninguém	18(78,3)
Como você se sente quando intimida a um colega?	Sinto-me bem comigo mesmo(a)	1 (4,3)
	Sinto-me admirado por meus colegas	1 (4,3)
	Sinto-me que sou melhor que ele(a)	1 (4,3)
	Não provoca ninguém	20 (87,0)
O que você faz quando alguém provoca um colega?	Meto-me para apartar a situação	11(47,8)
	Informo a família, professor, diretor	5 (21,7)
	Não faço nada, ainda que possa, não é problema meu.	5 (21,7)
	Meto-me também	2 (8,7)
Desde que começou o curso, você se uniu a algum grupo ou a outro colega para provocar alguém?	Uma ou duas vezes	3 (13,0)
	Algumas vezes	2 (8,7)
	Quase todos os dias	1 (4,3)
	Nunca provoqueei ninguém	17 (73,9)

18,7%, o maior de todo o mundo. Ainda assim é menor do que o das crianças e adolescentes do Ambulatório de Fluência da UFRJ, quase o dobro, mostrando que os transtornos de fluência impactam o aprendizado formal.

Relações familiares

Orientações fazem da família o agente multiplicador das informações e orientações recebidas²⁴. Tal hipótese parece ter sido corroborada na presente pesquisa. Os resultados

apontam que a inserção da orientação familiar em encontros sistemáticos no planejamento terapêutico de fluência, se possível, associado à terapia fonoaudiológica, influenciam diretamente a atitude dos pais com relação à fala da criança. Indicam, ainda, que os pais devem ser participantes do processo terapêutico fonoaudiológico, pois não se pode fragmentar a participação familiar do trabalho terapêutico, visto que ambos convivem com os eventos ambientais alimentadores da disfluência, e podem auxiliar junto à transferência e manutenção da fluência em outros ambientes extra-ambulatório.

Conforme o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas²⁵, esse percentual no país é de 11,7% milhões de pessoas como dependentes de álcool. Mundialmente, a dependência ao álcool é estimada entre 10% a 15% da população. Tal resultado é de extrema relevância, se comparado a esta pesquisa, revelando cerca de um terço dos membros da família das crianças e adolescentes que gaguejam usam álcool regularmente. O estudo relatou, ainda, que o *bullying* é um dos fatores mais comuns associados aos transtornos de conduta, assim como o sexo, o nível socioeconômico, o uso de bebida alcoólica, uso/abuso de drogas ilícitas e a depressão. Observou-se nesta amostra o índice de 13% de agressão no lar, mais do que o dobro dos brasileiros que responderam ter sido vítima de violência doméstica em 2012 (6%). Em 3% destes casos, o parceiro que cometeu a agressão havia bebido.

Características da violência na escola

A seguir, foram descritos os dados da vivência dos participantes da pesquisa com relação à violência na escola. Foram criadas duas tabelas para as descrições encontradas, a primeira (Tabela 3) caracteriza a violência, enquanto a segunda (Tabela 4) trata dos sentimentos em relação à violência escolar.

Na Tabela 3, tem-se que 8,7% presenciaram a entrada de estilete na escola por meio de colegas. Comparando-se a pesquisa com adolescentes brasileiros em risco social¹⁵, com outra, com

adolescentes brasileiros sem risco aparente²⁶, encontrou-se na primeira que 63,6% presenciaram o fato, enquanto na segunda apenas 35% dos alunos que viram algum tipo de arma, mas em sua maioria as mais vistas foram o canivete e a faca, que têm características de fácil acesso, semelhantes ao estilete. Quanto à arma de fogo exclusivamente, 4,3% dos estudantes que gaguejam da atual pesquisa já presenciaram, número bem inferior àquele do trabalho com adolescentes de risco na Bahia, contra 84,2%¹⁵.

O estilete e sua semelhança com a função "extra-arma", bem como a faca e o canivete, dá-se por pressupor ter um alto percentual por conta de aquisição mais facilitada, de valor mais barato, por poder ser disfarçado com maior facilidade, bem como pela possibilidade de passar como um utensílio para demais usos²⁶.

Colocar-se em lugar do diretor foi uma das questões sugeridas no questionário. Do grupo avaliado, cerca de um terço sinalizou como recurso para evitar a violência o uso de câmeras, vigilância na escola, revista de alunos e ronda escolar, enquanto em outra pesquisa nacional com adolescentes socialmente vulneráveis foi encontrado um percentual maior, de 41,7%¹⁵. Em relação à suspensão e à expulsão como formas de solucionar o *bullying*, os valores dos adolescentes com gagueira foram similares ao encontrado na pesquisa com os jovens de áreas de risco. Assim sendo, ao se colocar no lugar do diretor, a suspensão foi a última escolha que o aluno que gagueja deseja que aconteça. No entanto, quando estabelecida a agressão a um colega, essa é a opção de pouco mais da metade dos jovens.

Houve respostas que se mostraram conflitantes entre si. Entre os entrevistados, quase 40% dos adolescentes referem a experiência de terem sofrido ameaça de violência física fora da sala de aula; contudo, nesse mesmo universo, quase o dobro dos jovens revelou ter se vingado dos agressores. Pode ter havido um constrangimento na resposta de se colocar vítima, o que é uma limitação do instrumento e, conseqüentemente, do estudo. Mas se quase 80% dos entrevistados

reagiram, é porque em algum momento sofreram violência.

No que diz respeito à identificação da percepção dos alunos sobre as possíveis soluções para o problema do *bullying*, os dados revelam que 78,3% estão descrentes que tenham soluções às práticas de violência na escola, somente 21,7% acreditam ter uma maneira de solucionar a questão. Esses valores parecem estar em desarmonia com um estudo realizado com jovens socialmente vulneráveis, que encontrou 71,5% para o sim à crença da solução, enquanto 28,5% estavam descrentes¹⁵. O sentimento de impotência, retratado por e encontrado nos percentuais do questionário de *bullying* na pesquisa com estudantes que gaguejam, parece remeter à banalização da violência na escola, com o alto grau nos níveis de descrença²⁷.

Caracterização dos sentimentos em relação à violência na escola

No presente trabalho, pouco mais de um quarto da amostra de adolescentes com gagueira revelou ser vítima de *bullying*. Considerando as intimidações realizadas de forma contínua, na população de escolares como um todo, tal índice é proporcional a 5,4%²². Diversas pesquisas apontam um aumento no percentual de *bullying* em crianças que gaguejam quando estas são comparadas com seus pares fluentes. Há pesquisas que revelam que de 49% a 58% dos estudantes do ensino fundamental sofrem *bullying*. Essa incidência para crianças que gaguejam aumenta e chega a 81%²⁸. Baseado em dados de auto-relato com 28 crianças que gaguejam, constatou-se que 57% foram intimidadadas sobre a gagueira, e 81% ficaram chateadas com as intimidações²⁸. Em análise comparativa realizada com crianças que gaguejam e seus pares fluentes, foi observado que as crianças com gagueira tinham três vezes mais chances de sofrer *bullying* e foram identificadas por seus pares como pessoas com baixo status social²⁹.

Foi baixo o percentual dos que revelaram ter medo, neste estudo, seja de colegas ou de

professores. Nem sempre é possível a identificação de um padrão da relação dos alunos e professores como sendo tensa ou tranquila. Em uma pesquisa com 38 entrevistados em escolas em áreas com altos índices de violência em SP, 21 consideraram que o relacionamento entre professores e alunos é bom, enquanto 17 afirmaram que os professores são desrespeitados³⁰.

Índices alarmantes no presente trabalho foram vistos em relação ao sentimento junto aos colegas. Apesar de mais da metade responder que tem amigos íntimos, somente cerca de 40% relataram que são muito bem tratados por seus colegas, um terço da amostra se sentia rejeitada, excluída ou não aceita pelos mesmos. Um quinto dos adolescentes com gagueira entrevistados relatou não ter nenhum amigo em especial e 13% sentia-se bem com 2 ou 3 amigos somente, enquanto 4,3% assumiram praticamente não ter amigos.

O *bullying* indireto (xingar, colocar apelidos), que se distingue do direto (bater e ameaçar), parece ser o mais encontrado e, ao se levantar estudos em vários países, os índices desse tipo de ocorrência variam entre 34% e 61%³¹. O presente trabalho apresentou percentuais menores. Tal fato pode ter sucedido por estarem todos os 23 estudantes em atendimento clínico fonoaudiológico, há, no mínimo, três meses. Considerando que, para haver *bullying* é indispensável que haja tanto aquele que o pratica, quanto o que sofre e assimila a provocação por um período prolongado, pode-se supor que o fato de estarem em acompanhamento lhes fortaleça, deixando-os menos atingidos por provocações.

Características do *bullying* por local, praticantes e alvo

A agressão verbal dentro da escola foi sofrida por 13% e somente a física por 4,3%, enquanto quase 9% sofreram ambas as agressões, verbal e física. Autores alertam que comportamentos sem adequação que configuram menor gravidade, tais como mentir, faltar nas aulas sem justificativas, enganar, furtar objetos de pouco valor, precedem

comportamentos mais graves, como brigas com uso de armas e assaltos, dentre outros³².

Para saber a razão do estudante que gagueja intimidar ou maltratar algum de seus colegas, a pergunta foi realizada com respostas de quase 80% negando que provoquem alguém, mas quase um quarto da amostra relata repetir o ato que sofre, sendo que menos de 5% justificam dizendo que a razão é a do colega se apresentar mais fraco e diferente dele mesmo. O agredido se tornar agressor foi um fenômeno relatado em pesquisas anteriores³³, e em algumas, chegou-se à proporção de 10% a 20% das pessoas que são maltratadas também são provocadores de *bullying*³⁴.

Com relação ao local da escola em que são provocados, verificou-se que a violência ocorre em espaços diversificados da escola, enquanto no Brasil foi encontrada a percentagem de 60,2% afirmando que é frequente que ocorra dentro da sala de aula³⁵.

Na questão respondida quanto à comunicação das violências sofridas, poucos relataram falar com seus pais e um pouco mais com os colegas. De qualquer forma, o número é incipiente. Parece haver dificuldade dos alunos que sofrem *bullying* na escola em contar aos pais a respeito do seu sofrimento, fazendo assim crescer o fantasma no entorno ao fenômeno. Em pesquisa realizada com escolares sem queixa no sul do Brasil, dos que disseram ser alvo de *bullying*, 41,6% relataram que não solicitaram auxílio de nenhum colega, professor ou membro da família, mas a maioria recorreu a alguém³⁵. Tais números são bem superiores àqueles encontrados na presente amostra, que demonstra maior vulnerabilidade e menos reação pela dificuldade de comunicação apresentada.

Fonoaudiólogos precisam estar atentos ao fato da intimidação que a criança pode estar sofrendo, porque muitas vezes ele é o adulto para quem o estudante com gagueira poderá contar o que está acontecendo na escola. Em resumo, sublinha-se que a cooperação, no caso de compartilhar o sentimento de intimidação, de toda forma, está mais presente do que a inércia e a

indiferença³⁶. A escola tem um papel fundamental e já há programas que apontam na direção de intervenções de sucesso com esse público³⁷⁻⁴⁰.

CONCLUSÕES

O fenômeno do *bullying* é atualmente divulgado na mídia, mas não parece ser ainda compreendido por todos, mesmo os que sofrem, levando à conclusão de que a percepção dos estudantes acerca da ocorrência do *bullying* parece ser algo distinto do seu sofrimento diário, incompatível com a queixa trazida para o Ambulatório de Fluência ainda na anamnese.

Algumas inconsistências foram encontradas nas respostas do questionário. Apesar de muitos adolescentes relatarem não serem provocados, talvez para se protegerem, os próprios apresentam um alto percentual de "vingança", justamente pelo fato de terem sido agredidos. Outro ponto relevante é o fato de todos os participantes da amostra serem atendidos na clínica, diferente das demais pesquisas com esse tipo de população.

Para que seja considerado *bullying*, é necessária a presença tanto do que provoca, quanto do que se deixa provocar. Mesmo que a intimidação seja constante, se o sujeito se encontra fortalecido, ele se deixa atingir menos.

Para o conhecimento do motivo pelo qual o estudante que gagueja intimida ou maltrata algum de seus colegas e apesar da grande maioria negar a provocação, o fato de repetir o ato do sofrimento foi achado em percentual elevado e o de ser mais fraco e diferente dele mesmo também foi marcado.

A necessidade de ampliação de pesquisa de maior abrangência de faixa etária, bem como mais orientações às escolas sobre gagueira e *bullying* devem ser postos em prática.

Considerando o enorme impacto das agressões sobre a vida de uma criança em formação, o conhecimento mais aprofundado do tema poderá servir como ferramenta de enfrentamento.

Os resultados esperados a partir deste estudo voltam-se ao desenvolvimento de estratégias de defesa face aos ataques de *bullying*, possibilitan-

do lançar luzes sobre o embate das dificuldades, motivando a ascensão da autoestima para melhor lidar com a exposição constante que a vida em

sociedade exige e, por fim, possibilitar que o indivíduo se sinta em relação de igualdade com as outras crianças.

SUMMARY

Characterization of bullying in students with stuttering

Purpose: To describe bullying in stuttering patients/students, their socio-demographic variables, family relationships, characterization and feelings of violence at school and characteristics by local, practitioners and target. **Methods:** 23 participants, aged 10-17, male and female, with stuttering diagnosis, followed by specialized clinic at the Universidade Federal do Rio de Janeiro were analyzed. Patients with behavior alterations or understanding and cognition disorders or without regular attendance were excluded. **Results:** Around 40% of the patients informed that they are well treated by the colleagues; 34.8% reported feel rejected and 29.16% suffer at school. More than 80% have good relationship with parents and more than 70% live with them. 34.8% failed. 13% witnessed aggression at home, 8.7% saw colleagues with stylet at school and 4.3% firearm. 40% suffered threat of physical violence outside the classroom, nearly 80% avenged the aggressors. 78.3% are skeptical of violence resolution. Just over a quarter proved bullied. A fifth reported having no special friend and 13% feel well with 2 or 3, while 4.3% don't have friends. 13% suffered verbal aggression in school and 4.3% physical, almost 9% both. Almost 80% deny having teased others, while a fourth tease. **Conclusions:** The results turn to the development of defensive strategies to attacks, encouraging self-esteem and sense of equality to others.

KEYWORDS: Bullying. Adolescent. Stuttering. Schools.

REFERÊNCIAS

1. Klein J, Cornell D, Konold T. Relationships between bullying, school climate, and student risk behaviors. *Sch Psychol Q.* 2012; 27(3):154-69.
2. Soares AF, Varella LHB. Responsabilidade civil pelo bullying. *Rev Perquirere.* 2013; 10(1):63-76.
3. Medeiros AVM. O fenômeno bullying: (in) definições do termo e suas possibilidades [Dissertação de Mestrado]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais; 2012. 112p.
4. Espelage DL, Polanin JR, Low SK. Teacher and staff perceptions of school environment as predictors of student aggression, victimization, and willingness to intervene in bullying situations. *Sch Psychol Q.* 2014;29(3):287-305.
5. O'Brennan LM, Waasdorp TE, Pas ET, Bradshaw CP. Peer victimization and social-emotional functioning: a longitudinal comparison of students in general and special education. *Remedial and Special Education.* 2015;36:275-85.
6. Kokinnos CM, Antoniadou N. Bullying and

- victimization experiences in elementary school students nominated by their teachers for specific learning disabilities. *School Psychol Int.* 2013;34:674-90.
7. Blood GW, Blood IM. Psychological health and coping strategies of adolescents with chronic stuttering. *J Child Adolesc Behav.* 2015;3:194.
 8. Wimmer S. Views on gender differences in bullying in relation to language and gender role socialization. *Griffith Working Papers in Pragmatics and Intercultural Communication.* 2009;2(1):18-26.
 9. Dell CA, Kilty JM. The creation of the expected Aboriginal woman drug offender in Canada: exploring relations between victimization, punishment, and cultural identity. *Int Rev Vict.* 2012;19(1):1-18.
 10. Taylor J. The bully questions. *New Times for Division for Learning Disabilities.* 2012; 30(1):1-2, 5.
 11. Beitchman J, Brownlie E. Language development and its impact on children's psychosocial and emotional development. In: Rvachew S, ed. *Language development and literacy.* 2010.
 12. American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders.* 4th ed. Washington: American Psychiatric Association; 2013,
 13. Erickson S, Block S. The social and communication impact of stuttering on adolescents and their families. *J Fluency Disorders.* 2013;38(4):311-24.
 14. Blood GW, Blood IM, Tramontana GM, Sylvia AJ, Boyle MP, Motzko GR. Self reported experience of bullying of students who stutter: relations with life satisfaction, life orientation, and self esteem. *Percept Mot Skills.* 2011;113(2):353-64.
 15. De Aquino CRB. *Acoso escolar, violência entre iguais, alunos versus alunos em 4 escolas municipais de Salvador, Bahia, Brasil [Tese de Doutorado].* Salamanca: Universidade de Salamanca, Faculdade de Educação, Departamento de Teoria e História da Educação; 2010. 330p.
 16. Ortega R, Mora-Merchan J, Ortega R, Mora-Merchán JA, Singer M, Smith PK, et al. The general survey questionnaires and nomination methods concerning bullying. Final report presented at IV Meeting of TMR project: Nature and Prevention of Bullying and Social Exclusion. Munich; 1999.
 17. Nogueira PR, Oliveira CMC, Giacheti CM, Moretti-Ferreira D. Familial persistent developmental stuttering: disfluencies and prevalence. *Rev CEFAC.* 2015;17(5):1441-8.
 18. Chang SE, Kenney MK, Loucks TM, Ludlow CL. Brain activation abnormalities during speech and non-speech in stuttering speakers. *Neuroimage.* 2009;46(1):201-12.
 19. McAllister J, Collier J, Shepstone L. The impact of adolescent stuttering on educational and employment outcomes: evidence from a birth cohort study. *J Fluency Disord.* 2012;37(2):106-21.
 20. Merlo S. *Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais. [Dissertação de Mestrado].* Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; 2006.
 21. Ybarra ML, Espelage DL, Mitchell KJ. Differentiating youth who are bullied from other victims of peer-aggression: the importance of differential power and repetition. *J Adolesc Health.* 2014;55(2):293-300.
 22. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C, et al. *Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009.* *Ciênc Saúde Coletiva.* 2010;15(supl. 2): 3065-76.
 23. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). *Relatório de Monitoramento da Educação para Todos pela ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura.* Sector for External Relations and Public Information of UNESCO, 2011.
 24. Oliveira CMC, Yasunaga CN, Sebastião LT, Nascimento EN. Orientação familiar e seus efeitos na gagueira infantil. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2010;15(1):115-24.
 25. Cruzeiro ALS, Silva RA, Horta BL, Souza LDM, Faria AD, Pinheiro RT, et al. Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública.* 2008;24(9): 2013-20.
 26. Abramovay M, Castro MG. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa.* Brasília: UNESCO; 2006.
 27. Hazler RJ. *Breaking the cycle of violence: interventions for bullying and victimization.* Washington: Accelerated Development; 1996.

28. Langevin M, Prasad NG. A stuttering education and bullying awareness and prevention resource: a feasibility study. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2012;43(3):344-58.
29. Davis S, Howell P, Cooke F. Sociodynamic relationships between children who stutter and their non-stuttering classmates. *J Child Psychol Psychiatry.* 2002;43(7):939-47.
30. Ruotti C, Alves R, Cubas V. Violência na escola: um guia para pais e professores. São Paulo: ANDHEP: imprensa oficial do Estado de São Paulo; 2006.
31. Blood GW, Boyle MP, Blood IM, Nalesnik GR. Bullying in children who stutter: speech-language pathologists' perceptions and intervention strategies. *J Fluency Disord.* 2010;35(2):92-109.
32. Bordin IAS. Fatores de risco para comportamento anti-social na adolescência e início da vida adulta [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo; 1996 Apud Cruzeiro ALS, Silva RA, Horta BL, Souza LDM, Faria AD, Pinheiro RT, et al. Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública.* 2008;24(9):2013-20.
33. Centro de Estudos Judiciários. O bullying e as novas formas de violência entre os jovens: indisciplina e delitos em ambiente escolar. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários; 2013.
34. Olweus D. Peer harassment: a critical analysis and some important issues. In: Juvonen J, Graham S, eds. *Peer harassment in school: the plight of the vulnerable and victimized.* New York: Guilford Press; 2001. p.3-20.
35. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr.* 2005; 81(5):S164-72.
36. Blood GW, Blood IM. Bullying in adolescents who stutter: communicative competence and self-esteem. *Contem Issues Commun Science Disord.* 2004;31:69-79.
37. Nippold MA, Packman A. Managing stuttering beyond the preschool years. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2012;43(3):338-43.
38. Hughes S. Bullying: what speech-language pathologists should know. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2014;45(1):3-13.
39. Plexico L, Plumb A, Beacham J. Teacher knowledge and perceptions of stuttering and bullying in school-age children. *Perspectives Fluency and Fluency Disord.* 2013;23(2):39-53.
40. Cook S, Howell P. Bullying in children and teenagers who stutter and the relation to self-esteem, social acceptance, and anxiety. *Perspectives Fluency and Fluency Disord.* 2014;24(2):46-57.

Trabalho realizado no Curso de Fonoaudiologia, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

*Artigo recebido: 12/8/2016
Aprovado: 17/10/2016*

